

Qualquer maneira de amor

Os homossexuais derrubam rótulos estereotipados e ocupam cada vez mais o cotidiano dos "heteros", mas ainda poucos assumem a escolha

PEDRO LEITE

Homem transa com mulher. Mulher transa com homem. Homem que transa com homem é "bicha". Mulher que transa com mulher é "sapão". Verdade? Se depender da mais nova tendência comportamental dos anos 90, a resposta é um retumbante "não". Tanto que esta última década do século já está sendo chamada de Gay Nineties, tamanha a amplitude da questão em termos sociais, políticos, culturais e, obviamente, sexuais. E nem mesmo a ameaça da AIDS conseguiu evitar que progressivamente as pessoas passassem a assumir suas preferências, apesar dos preconceitos sociais.

O fato novo é que há cerca de um ano as mulheres entraram em evidência. Em menor número do que os homossexuais masculinos, elas ganharam espaço e respeito sob o rótulo de "lesbian chic", lançado por uma reportagem de capa da revista americana *New York*. E invadiram não só os ambientes mais radicais da militância gay, mas também o dia-a-dia dos grupos heterossexuais. É o caso de Chastity, uma bela loira de 24 anos, filha da cantora e atriz norte-americana Cher. Ela teria tudo para se tornar um símbolo sexual convencional. Tudo. Não fosse sua grande paixão por Chance, outra loira sensual, quatro anos mais velha, com a qual divide um apartamento em Los Angeles.

Mostrando a cara



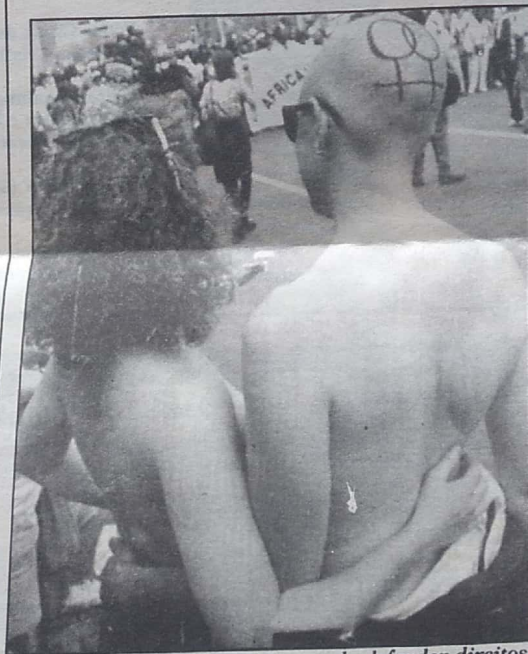
Chastity (E) com a mãe, Cher: seu romance com Chance, colega de faculdade quatro anos mais velha que ela, é assumido sem problemas

FOTOS ARQUIVO DC



Lesbian chic

Por trás da expressão "lesbian chic" está a mudança progressiva do estereótipo dominante até então, segundo o qual o homossexualismo feminino era visto de forma caricata e sempre representado por mulheres feias, consideradas "machorras".



Marcha gay nos EUA: momento de defender direitos

Doces (e belas) lésbicas

Mulheres bonitas, elegantes e extremamente femininas admitem cada vez mais gostar (também) de pessoas do mesmo sexo. A cena mais recente - e também a mais polêmica - foi a da *Vanity Fair* de agosto, que estampou na capa a cantora canadense k.d. lang (grafado assim mesmo), assumidamente homossexual, sendo barbeada pela insinuante supermodelo Cindy Crawford, casada com o ator Richard Gere.

A mesma k.d. lang também vive uma paixão homossexual em *Um Amor Diferente*, de Percy Adlon, que estreou há poucos meses no Brasil e que ainda não tem previsão de chegada a Santa Catarina. Mas, antes dele, o precursor, *Tomates Verdes Fritos*, já havia levantado o tema, só que de maneira mais sutil, atenuando o homossexualismo mostrado no livro homônimo. Ainda no cinema, outra investida das "lesbian chics" é *Three of Hearts*, com Sherilyn Fenn (de *Twin Peaks*) como a namorada de Kelly Lynch (de *Drugstore Cowboy*, já exibido por aqui, no Art 7).

Entre as novas produções estão o esperado *Even Cowgirls Get the Blues*, baseado na obra de Tom Robbins e ainda sem título

definido no Brasil. Nele, Uma Thurman - que já havia vivido a bissexual June, de *Henry & June* - interpreta a personagem Sissy Hankshaw - que no livro era bissexual e no roteiro do filme transa apenas com mulheres. Barbra Streisand, outra ativista da causa gay, filma para a televisão a vida da coronel Leslie Belzberg, excluída do exército por ter assumido sua homossexualidade. Um contraponto ao caso de Roberta Achtenberg, de San Francisco, primeira mulher abertamente homossexual a atingir um alto posto no governo americano, como secretária de Desenvolvimento Urbano.

Mesmo antes da iniciativa de Barbra Streisand, a televisão americana já buscava inspiração nas "lesbian chics". Em *Roseanne*, uma série popular exibida por lá no ano passado, os telespectadores viram pela primeira vez um beijo entre mulheres. No mesmo programa, Sandra Bernhard interpretava a lésbica Nancy. E em *Northern Exposure*, a personagem Cicely proclama seu amor por Rosilyn. Num diálogo, chegava a explicar porque era "mais natural" para uma mulher ter sexo com outra mulher.

■ SEQUE

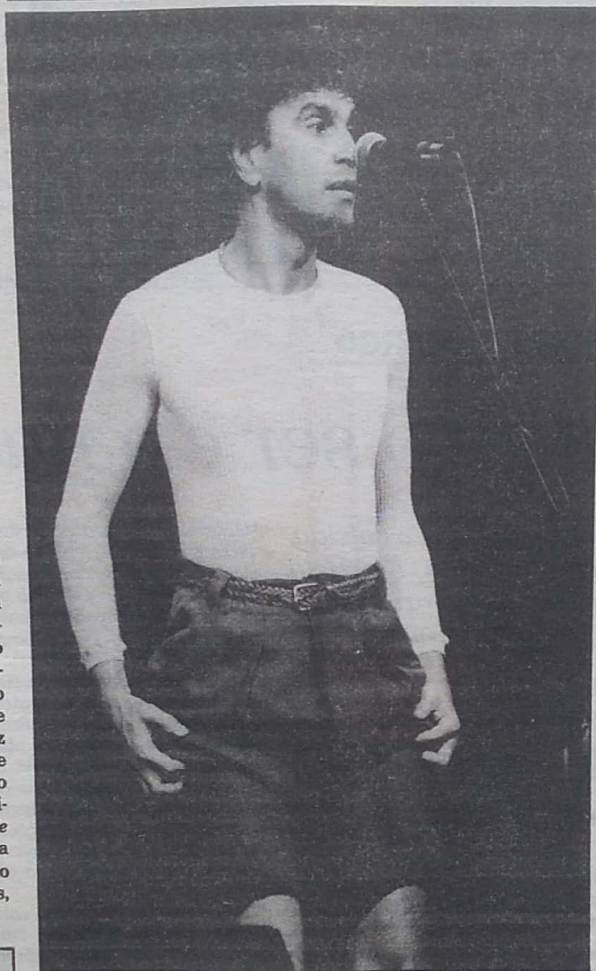
Um assunto entre mulheres

boca-a-boca feminino conquista
nídia, sobe aos palcos e ganha
telas. E as atrizes garantem não
problemas nas cenas "quentes"

Também na moda e na publicidade a tendência se espalha em editoriais em que as modelos sugerem situações homossexuais. E as chamadas "gaminhas", modelos de aparência andrógina - uma citação aos anos 70 - ganham cada vez mais espaço nas páginas de revistas. No badalado restaurante Café Tobac, em Nova York, o anúncio da casa traz, seminua, a top model Stephanie Seymour, mulher de Axl Rose, do Guns'n'Roses, beijando a modelo Kara Young, por sua vez mulher do fotógrafo de moda Sante D'Orazio.

O boca-a-boca entre personagens femininos também conquista os palcos. Pelo menos duas das peças em cartaz no Rio de Janeiro provocam a platéia com um longo beijo. Em *Mephisto*, Cássia Kiss beija Mônica Torres. Em *Entre Amigas*, Regina Restelli, a Madonna brasileira, ataca Cláudia Mauro, numa cena de chuveiro. Mesmo longe das casas de espetáculo, outras atrizes não vêem qualquer problema nesse tipo de contato. Bia Seidl, que recentemente apareceu na minissérie *Contos de Verão*, diz que "o amor é universal e os atores têm que fazer qualquer papel. Eu nunca fiz, mas não teria problemas". A sensual Cristiane Tricelli, estrela de *Sonho de Uma Noite de Verão*, de William Shakespeare, dirigida por Cacá Rosset, vai mais longe afirmando que já teve várias relações com mulheres, apesar de gostar muito dos homens.

Sentença



Caetano Veloso, que já beijou muito homem por aí - como Gilberto Gil e Paulo Ricardo, do RPM - tem uma opinião bem definida: "Para mim, todo mundo é homossexual. Eu acredito nisso"

Nem a Globo evita o tema

No cinema nacional, a relação entre mulheres há muito deixou de ser novidade. Numa das cenas mais conhecidas do gênero, Nicole Puzzi e Cristiane Torloni, que já foram padrão de beleza brasileiro, transam sobre uma mesa de sinuca, no filme *Ariella*. Cláudia Raia e Louise Cardoso fazem o mesmo no remake de *Matou a Família e Foi ao Cinema*. A Globo, um pouco mais recatada quando as relações envolvem pessoas do mesmo sexo, também aproveitou os novos ares de liberalismo. Em *Bebê a Bordo*, Débora Duarte assedia o tempo todo Maria Zilda. Na minissérie *Sex Appeal*, uma produtora de moda, interpretada por Esther Góes, se envolve - ainda que de maneira sutil - com uma das candidatas a top model.

Já o beijo público entre dois homens, fora de cena, é bem mais antigo no Brasil. Daniel Filho e Denis Carvalho, por exemplo, ganharam as colunas sociais depois de um longo roçar de lábios, durante um lançamento de livro, em 1988. A lista, hoje, é infinita, engrossada por personalidades como João Bosco, Gilberto Gil e Caetano Veloso. Este último declarou certa vez: "Nos ambientes que eu frequento, mesmo as pessoas que eu nunca vi se beijam e tudo. Todo mundo é homossexual. Eu acredito nisso".

Em Santa Catarina, ninguém fala

Se em termos nacionais e internacionais os exemplos de casos assumidos podem ser facilmente encontrados, em Santa Catarina, a situação é bem diferente. Poucos se dispõem a tocar no assunto, mesmo com a condição de citar apenas as iniciais ou mesmo nomes fictícios. Fazer foto, então, nem pensar. A única que aceitou dar um depoimento foi J. M. B., loira, corpo escultural, dentista, 25 anos. Ela sempre gostou de ter relações com pessoas do mesmo sexo e admite que nunca sentiu vontade de deixar de ser mulher. "Gosto de ser feminina e o grande barato está justamente em ter uma história com alguém do mesmo sexo e não com uma pessoa travestida".

Com o crescimento da consciência e da aceitação social da homossexualidade e com a cada vez mais inten-

sa campanha pública a favor do respeito aos direitos dos gays, muitas empresas norte-americanas decidiram partir à caça aos consumidores que pertencem a este grupo social. O que tornou ainda mais visível à comunidade homossexual norte-americana foi a recente marcha nacional em defesa de seus direitos, que reuniu um milhão de pessoas em Washington. Mas é antes de tudo sua força econômica que chama a atenção das empresas. Segundo dados recentes, a renda média anual de um casal gay é de 51.624 dólares para os homens e de 42.755 dólares para as mulheres. Em ambos os casos, 37.922 dólares superior à renda de uma família tradicional.

Além disso, as pesquisas mostram que o nível cultural dessas novas famílias é mais elevado. Só para se ter

uma idéia, 58% dos homossexuais americanos possuem diploma universitário, contra 21% do total dos norte-americanos. Por isso, as empresas não temem ligar sua imagem ao mundo homossexual. Os anúncios das calças Levi's e das cuecas Calvin Klein, por exemplo, usam e abusam de modelos andróginos ou que mostram clara ambigüidade sexual, sempre visando o encanto físico dos homens.

MADONNA - Difícil identificar por onde a tendência começou a se impor. Pode-se talvez citar Madonna. No filme *Na Cama com Madonna* (1991), a cantora faz questão de explicitar seu caso com Sandra Bernhard; no livro *Sex* (1992), aparece sem blusa com um casal de lésbicas punks e, de modo ainda mais envolvente, com

a atriz Isabella Rossellini. Ultimamente, a cantora tem feito questão de espalhar seu namoro com uma certa Ingrid. Na Europa, a febre foi despertada pelo maior estrondo musical do momento naquele continente: a banda *Suede*, formada por rapazes andróginos, que estamparam na capa do seu primeiro disco duas mulheres beijoqueiras.

A atitude do *Suede* e de Madonna, entre outros, ilustra bem um outro aspecto da questão. Repetindo um comportamento dos anos 50 e 60, quando vários profissionais liberais e formadores de opinião compraram para si a briga da questão racial, agora parece estar na moda, em determinados grupos sociais, dar a entender ou deixar em dúvida ser ou não gay ou bissexual, e, principalmente, assumir. ■



ROBERTO SCOLA/ARQUIVO/DC

Cássia Kiss beija Mônica Torres na boca em *Mephisto*